

Sabrina da Paixão Brésio
Universidade de São Paulo –
USP
E-mail: sabrina.bresio@usp.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

O vício dos livros: modos breves de reconhecer a dependência

*Book Addiction: brief ways to recognize
dependence*

*Adicción a los libros: breves formas de
reconocer la adicción*

Paixão Brésio, S. O vício dos livros: modos breves de reconhecer
a dependência. Revista Eco-Pós, 27(2), 470–477.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i2.28249>

RESUMO

Resenha de obra do multiartista português Afonso Cruz, *O vício dos livros* (2024), um conjunto de ensaios que tematizam os meandros, confluências e atravessamentos entre o livro e a pessoa leitora/escritora para além da singularidade da experiência individual.

PALAVRAS-CHAVE: *Crônicas; Bibliofilia; Leitura; Performance.*

ABSTRACT

Review of the work by Portuguese multi-artist Afonso Cruz, *Book addiction* (2024), a set of essays that thematize the sinuous, confluences and crossings between the book and the reader/writer, beyond the singularity of the individual experience.

KEYWORDS: *Chronicles; Bibliophilia; Reading; Performance.*

RESUMEN

Reseña de la obra del multiartista portugués Afonso Cruz, *Adicción a los libros* (2024), un conjunto de ensayos que tematizan las complejidades, confluencias y cruces entre el libro y la persona lectora/escritora, más allá de la singularidad de la experiencia individual.

PALABRAS CLAVE: *Crónicas; Bibliofilia; Lectura; Performance.*

Submetido em 15 de maio de 2024.

Aceito em 13 de agosto de 2024.

Recém-lançado no Brasil pela editora Dublinense (Porto Alegre, 2024, 96 p.), *O vício dos livros*, é o primeiro livro de crônicas de Afonso Cruz publicado no país. Profícuo artista, a sua produção caminha entre as artes visuais, ilustração, direção em cinema, música e design. Na literatura, coleciona prêmios como *Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco* (2009), *Enciclopédia da Estória Universal*; Prêmio da União Europeia para a Literatura pelo livro, *A Boneca de Kokoschka* (2012); o *Selo Cátedra 10 da UNESCO* (2016) e o prêmio Altamente Recomendável FNLIJ 2017, ambos por *O pintor debaixo do lava-loiças*, dentre outros.

Publicada em Portugal em 2021 no Dia Mundial do Livro, nessa obra Afonso Cruz apresenta 31 (trinta e um) textos, entremeados por ilustrações próprias nas quais se reconhecem certos elementos e sensações que acompanham o corpo e a experiência leitora: abajures, gatos, naufrágios, solidude, fragmentação despedaçada, peso da leitura, partilha da leitura. Fruto de um “engarramento literário” (Cruz *apud* Garbayo, 2021, p.191) durante o isolamento decorrente da pandemia da Covid-19, o livro reúne comentários, fatos e curiosidades históricas, reflexões e experiências de viagem, todas costuradas pela inefável condição do ser leitor do/no mundo. O que chamamos comumente de bibliofilia é identificada em cada citação, caso, acaso, encontro com o livro e com leitores. Identificando pela memória e pela experiência como o livro e a leitura marcam sua existência, e constituem elementos altamente viciantes, Cruz proporciona que quem o leia também reconheça pontos comuns da adicção literária.

Ajuda especializada. Criando uma polifonia com um vasto referencial bibliográfico, Afonso Cruz oferece a quem o lê um conjunto de textos breves nos quais podemos reconhecer a natureza de nossa adicção, em nossa maneira particular de conviver com o livro e a literatura. Extrapolando o que poderia ser um monólogo puramente singular do *Cruz autor-leitor*, as crônicas explicitam uma certa linguagem comum à comunidade leitora, em que trejeitos, manias, dialetos, sentimentos e posturas frente ao livro e seu universo, são identificáveis na prática leitora: “Há leitores que anotam os livros, que sublinham, que arrancam páginas, que os enrolam como se fossem revistas, há leitores que dobram os cantos [...]” (Cruz, 2024, p. 9). Este mote inicial é abordado em outros autores-leitores como Umberto Eco que diz que:

O amante da leitura, ou o estudioso, gosta de sublinhar os livros contemporâneos, até porque, à distância de anos, um certo tipo de sublinhado, um sinal à margem, uma variação entre hidrográfica preta e hidrográfica vermelha lhe recordam uma experiência de leitura” (Eco, 2014, p. 36).

Cruz por sua vez, segreda ao leitor que, para ele, “escrever nas margens, por exemplo, parece-me uma espécie de tatuagem de que me envergonharei no futuro, quando voltar – ou se voltar – a encontrar-me com ele” (Cruz, 2024, p. 9). E é um destes encontros com um escrito rabiscado e esquecido em um livro, que leva ao nascimento da primeira crônica.

A epígrafe da obra, de autoria do poeta francês Christian Bobin “Não há nenhuma diferença entre a leitura e a escrita. Quem lê é autor daquilo que lê” (Cruz *apud* Bobin, 2024, p. 4), é tanto as boas-vindas a quem abre o livro, quanto um mapa potencial do sinuoso trajeto a ser iniciado, o qual conta com 31 (trinta e uma) paradas; pelo menos 15 (quinze) territórios visitados¹, conferindo ao conjunto também um itinerário de turismo literário, ou de deslocamento espaço-temporal possível pela via literária; e um colóquio com mais de 50 (cinquenta) autores e autoras², citados ou referenciados. Do mesmo modo que Bobin (2024) indica a confluência e colaboração direta entre autor-leitor-autor, lembramos de George Steiner quando descreve esse ato mágico que é

O encontro com o livro, assim como a mulher ou homem destinado a mudar nossa vida, frequentemente em um instante de reconhecimento do qual não se está consciente, pode ser completamente casual. O texto que vai nos converter a uma fé, que vai nos fazer aderir a uma ideologia, que dá a nossa existência um fim e um critério, pode estar a nos esperar na estante dos livros de ocasião, usados, com desconto. Talvez empoeirado e esquecido, na estante ao lado do livro que procurávamos. “[...] Enquanto um texto sobrevive em algum lugar desta terra, ainda que em silêncio ininterrupto, é sempre capaz de ressuscitar” (Steiner, 2020, p. 12-13).

Quando nos damos conta de nosso vício, identificado com certo tipo de obra ou autoria que nos arrebatava, o indicado é sempre procurar ajuda especializada. O que Afonso Cruz nos oferta como alívio (ou redução de danos) é poder ler, a partir dele e com ele: Kafka, Mário Quintana, Garcia Lorca, Edith Wharton, Olinda Beja, Irene Vallejo e outras dezenas de autorias que compõe certamente alguma das categorias elencadas por Ítalo Calvino³.

os Livros Que Há Tempos Você Pretende Ler,
os Livros Que Procurou Durante Vários Anos Sem Ter Encontrado,
os Livros Que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento,

¹ Pernambuco, Berlim, Bogotá, Siracusa, Sicília, Irbit, Tunes, Granada, Cidade do Kuwait, Frankfurt, Bagdade, São Tomé, Santa Cruz do Bispo, Atenas, Alexandria, com escusas da autora por qualquer esquecimento de outra cidade citada e não listada.

² Foram 55 (cinquenta e cinco) autorias citadas a partir do breve levantamento feito durante a leitura.

³ São mais de 20 categorias que podem certamente ser utilizadas como parâmetro para avaliação individual do grau de adição literária.

os Livros Que Deseja Adquirir Para Ter Por Perto Em Qualquer Circunstância,
os Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Verão,
os Livros Que Lhe Faltam Para Colocar Ao Lado De Outros Em Sua Estante,
os Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E Não
Claramente Justificada. (Calvino, 1999, p. 13-14)

Nesse sentido, se tomarmos a epígrafe enquanto axioma, somos coautores com Afonso Cruz, ao ler cada crônica em vinculação com nossa realidade particular, ao mesmo tempo que inscrevemos nossa experiência no que foi criado por sua autoria; que se faz a partir de Afonso Cruz leitor, ele mesmo coautor junto a seleta de referências citadas em seus textos. Ao lermos *O vício dos livros*, lemos não apenas Cruz, mas todos os(as) demais, por ele citados, a partir de sua reescrita leitor-autoral. Essa percepção nos conduz a especular sobre quantos livros lemos, quando lemos um livro:

O conceito de leitura, concebido como processo que pertence fundamentalmente à colaboração, é intuitivamente convincente. O leitor sério trabalha com o autor. Compreender um texto [...] é, nos limites de nossas possibilidades, *recriá-lo*. [...] Em uma “leitura bem-feita” (Péguy), o leitor faz com ele algo paradoxal: um eco que reflete o texto, mas também que responde com suas próprias percepções, suas necessidades e seus desafios. Nossas intimidades com um livro são, portanto, completamente dialéticas e recíprocas: lemos o livro, mais profundamente, pode ser o livro que nos lê. (Steiner, 2020, p. 16).

Transitar pelas 31 (trinta e uma) crônicas é não caminhar sozinho(a) em momento algum. A condução de Cruz nos leva a encontrar, conhecer ou relembrar outras autorias que fazem (ou queremos que faça) parte de nosso ser leitor, e explicita como o vício do livro se espalha – no caso de uma pessoa leitora já viciada – uma referência leva à outra e quando vemos estamos à Calvino, ampliando nossa lista de *Livros a adquirir o quanto antes* seguida de *Livros e ou Autores que não conhecia e agora não posso mais viver sem conhecer*, e que se junta à “*Livros ou Autores que só poderei conhecer a partir de referências secundárias pois eles não foram publicados no meu país/no meu idioma*”. De outro modo também a pessoa viciada passa a estabelecer conexões entre as citações do autor com as suas próprias, criando um diálogo paralelo e quase exclusivamente anônimo, tal qual estabelecemos aqui, num processo performático da leitura “porque ela é encontro e confronto pessoal, a leitura é diálogo. A ‘compreensão’ que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade

do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, a sua. Daí o ‘prazer do texto’”. (Zumthor, 2014, p. 63).

Tratamento. O vício dos livros não se trata somente de um compêndio de referências e relações bibliográficas do autor e sua formação leitora. As crônicas se articulam e interrelacionam com temas vários, que constituem essa bibliofilia coparticipativa, sob uma condução poética das percepções sobre: i. o que nos faz leitores; ii. como os livros se vinculam aos temas da memória, da morte e da permanência; iii. como o corpo se comporta e *re-age* em relação ao ato de ler e partilhar leituras; iv. os tensionamentos políticos e revolucionários da literatura; v. o envolvimento criativo e emocional da autoria com sua produção literária; vi. a circulação dos livros; vii. a crítica e a mediação literárias na formação de novos leitores; e viii. o acaso.

Esses tópicos são apenas algumas das possibilidades em balizar temas-centrais dos textos, o que não exclui outros aqui não citados. A completude deste pequeno livro se dá nesta captura episódica de temas literários, ora singelos e particulares da vivência do autor, ora resgatados do caldo histórico, nos quais Cruz explicita a profundidade da experiência leitora e da potência que há num livro. As crônicas se tornam causos, conversa entre amigos, fofoca literária, manifesto poético, nos fazem ver melhor como a literatura, de forma expandida, nos auxilia a ler o mundo: “Pois, antes de ser uma fórmula ou técnica literária, a poesia é um modo de vida, é uma maneira de olhar o mundo” (Cărtărescu *apud* Cruz, 2024, p. 52); a leitura é “um diálogo entre autor e leitor [...] deve resultar numa transformação e um leitor deverá saber que aquele que abre um livro não é a mesma pessoa que o fecha” (Cruz, 2024, p. 44).

Cruz nos fala da sobrevida e a longevidade que o vício da leitura provê (*Contar para, mais do que viver séculos, morrer feliz*, (Cruz, 2024, p. 120); *A morte, perante os livros, fica sem poder*, (Cruz, 2024, p. 24); também das vidas salvas - *Mas a poesia também salva cidades e libera escravos* - (Cruz, 2024, p. 22); *Liberdade*, (Cruz, 2024, p. 33) e perdas por causa da literatura - *Porém, a poesia pode matar amigos*, (2024, p. 23) - ; *O poeta que foi assassinado pelos próprios livros*, (Cruz, 2024, p. 72). Em *O terceiro pulmão de Bagdade* (Cruz, 2024, p. 38), *Um pão e um livro* (Cruz, 2024, p. 29) e *A voz dos livros* (Cruz, 2024, p. 88), a literatura é coração da ação política sobre o mundo, na relação direta entre viver, ser livre e ter direito à cultura e ao passado. Já em *Bibliotecas* (Cruz, 2024, p. 55), *História do leitor presidiário* (Cruz, 2024, p. 61) e *Biblioteca pessoal* (Cruz, 2024, p. 78) nos deparamos com o acervo e sua composição enquanto reflexo e

constituição da pessoa, e como repositório da memória humana, um microcosmo do mundo. Dentre as 31 (trinta e uma) pílulas poéticas deste conjunto, cada leitor poderá dimensionar a dosagem necessária para uma overdose em poesia.

Desintoxicação. Em *Porque não há muitos leitores*, citando Hector Abad Faciolince, Cruz diz como a literatura é contagiosa: “contagia-se de pessoa para pessoa, e viaja oralmente, pelo ar, mas também alojada nessas extensões de memória e da voz humana a que chamamos livros” (Cruz, 2024, p. 57). No texto que nomeia o livro, em diálogo com Edith Wharton, aponta que “o vício mais difícil de erradicar é aquele que o vulgo considera uma virtude.” (Cruz, 2024, p. 44), e complementa: “Ao contrário de tantos outros vícios, o dos livros é na verdade, uma virtude [...] Ter livros é como ter amigos” (Cruz, 2024, p. 47). No esteio de uma tradição literária de autores-leitores que escrevem sobre o ato de ler, como Umberto Eco, Calvino, Manguel, J.L. Borges, M. Melot, M. Petit, Afonso Cruz elabora um pequeno livro que dá dimensão da imensidão da leitura. Um livro acessível para quem esteja iniciando no vício, e igualmente um livro que alimenta a adicção de bibliófilos inveterados, a obra dá conta de saciar o prazer pelo texto, ainda que explicita também a maior angústia de quem partilha desse vício: a constatação de que sempre haverá muito mais a ser lido do que nossa capacidade leitora permitirá alcançar no tempo. Assim sendo, reconhecer que publicações como essa colaboram para que possamos ler e conhecer mais autores e histórias, que de outro modo não chegariam até nós, pode ser um caminho para apaziguar este efeito colateral:

Por vezes, os livros que não são lidos podem assumir um ar acusador. Muitos leitores sentem alguma culpa quando olham para pilhas de livros por ler. No meu caso, considero estes livros uma possibilidade de ser livre [...]. No fundo, concordo com Jules Renard quando escreveu [...] “Quando penso em todos os livros que tenho para ler, tenho a certeza de ainda ser feliz” (Cruz, 2024, p. 74)

O vício dos livros se dá como contágio endêmico “propagando-se com parcimônia, preguiçosa e paulatinamente, escolhendo com serenidade a próxima vítima, que, com grande probabilidade, jamais se curará” (Cruz, 2024, p. 59-60).

Como o autor, e todos os autores que lemos a partir dele, desejamos que o leitor e a leitora desta obra não se cure jamais.

Referências

Dossiê **O livro hoje: leitura e diversidade** - <https://revistaecopos.eco.ufri.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 27, n. 2, 2024

DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28249

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CRUZ, Afonso. *O vício dos livros*. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GARBAYO, Juliana. *Afonso Cruz (2021). O vício dos livros*. Lisboa: Companhia das Letras, 128 pp. RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro | n.º 10 (II. série) 2021 | pp. 191 -198 | ISSN 0870 -1547 [on-line]. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rual/issue/view/976>. Acesso em: 12 maio 2024

NOBRE, André Dias. *Afonso Cruz faz da literatura protagonista em "O vício dos livros"*. Observador. Disponível em: <https://observador.pt/2021/04/20/afonso-cruz-faz-da-literatura-protagonista-em-o-vicio-dos-livros/>. Acesso em: 12 maio 2024.

STEINER, George. *Aqueles que queimam livros*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

Sabrina da Paixão Brésio - Universidade de São Paulo – USP

Doutora e mestra em Educação, Universidade de São Paulo (USP). Graduada em História, USP. Professora da Faculdade de Educação, USP. Integrante do Laboratório experimental de arte-educação e cultura e da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (Aspas). Pesquisadora em mitohermenêutica, cultura pop, literatura e gênero.

E-mail: sabrina.bresio@usp.br.